

“- Meu nome? Carmela Pereira!”

Com sua voz ainda pronunciada vigorosamente, Carmela aos 88 anos, piracicabana e filha de lavradores, nos recebe em sua casa-ateliê. Uma mulher preta, herdeira de povos escravizados, artista, sonhadora, pintora, escultora, compositora, cantora, guardiã de memórias e tradições piracicabanas.

No Orfanato Coração de Maria encontrou um refúgio. Brincadeiras infantis se misturavam com a saudade dos pais, enfrentando a dor da perda precoce. Criada pela avó, desenvolveu com ela habilidades fundamentais ao longo de sua vida. Bordar, tricotar, costurar, crocheter são atividades que não apenas preencheram seus dias, mas moldam sua forma de expressão.

Após 36 anos como Empregada Doméstica, se aposentou. Lançou um Manual para esta categoria de trabalho, entre mais de uma dezena de livros editados e outros ainda inéditos.

Nesta exposição, Carmela contará sua história, narrando as nuances da infância e as batalhas da vida adulta, através de sua plasticidade. Suas obras representam rompimentos com a estrutura hegemônica da técnica, da linguagem, da estética e da representação baseada em modelos preestabelecidos. Foi assim reconhecida como pintora no Sesc Piracicaba, ganhando vários prêmios, especialmente na Bienal Naifs do Brasil.

Hoje, mesmo perdendo lentamente a visão e os movimentos, segue ainda com sua voz forte enfrentando conflitos internos e externos, mas com a(s) garra(s) de quem conheceu o Saci.

Esta exposição, portanto, não é apenas sobre Carmela Pereira, é sobre todas as lutas das quais ela faz parte e é mestra. É sobre apagamentos diários que permitimos que ocorram homeopaticamente, conscientemente ou não, através de nossas ações ou inércias. É um convite para reflexão, para reconhecer a força daqueles que resistem, encontrando na expressão artística a voz que reverbera para além das limitações físicas e sociais, sejam elas impostas ou não.

Convido você, nosso visitante, a contribuir com a identificação dos títulos das obras que se perderam no meio de tantos apagamentos. Pode ser que reconheça uma tradição popular, um festejo, um encontro de manifestação religiosa, uma lembrança, um ativismo, um segmento social, a fase do glaucoma, a tela do desabafo e da dor. Sinta-se à vontade para contribuir neste resgate.

*Margarete Regina Chiarella
Curadora e ouvinte*